

D. MIGUEL KRUSE

O requiem solenne na abbadia benedictina — O sepultamento no claustro da abbadia — A oração funebre do monsenhor Manfredo Leite — Outras notas

Hontem, ás nove horas, realizaram-se na igreja da abbadia Benedictina, as exequias pontificaes de "requiem", do revdm. d. abbade Miguel Kruse, presente o corpo em eça armada ao centro da capella mór do templo, que se apresentava sobriamente ornamentado de pesado luto. Celebrou a missa pontifical de "requiem", o sr. arcebispo metropolitano, acolytado por numerosos clerigos, estando presentes á cerimonia os revdms. senhores bispos diocesanos de Botucatu', d. Duarte Costa, de Bragança, d. João Rocha, de Jacarézinga, d. Fernando Taddel, e o revdm. sr. d. abbade benedictino da provincia de Ollinda, altas autoridades civis e militares, toda a comunidade benedictina, numerosas commissões de associações e de sodalicias religiosas e grande massa popular, enchendo literalmente o vasto templo da abbadia.

Terminado o solenne officio, que foi rezado e apenas acompanhado do organ e do cantico dos psalmos fúnebres da liturgia catholica, em cantochão, pelos monges benedictinos, o sr. arcebispo metropolitano acercou-se do ataúde em que repousava o corpo do venerando abbade e deu as tres absolvções do ritual.

Assentado que foi o sr. arcebispo no throno erguido ao lado do Evangelho, todo revestido de negro e prata, assomou a tribuna sagrada monsenhor Manfredo Leite que pronunciou a seguinte oração fúnebre:

DILEXIT ECCLESIAM (AMOU A EGREJA)

"A' beira do ataúde em que repousava Le Tellier, chancelier de França, exclamava Bossuet: "Desde os verdes annos guiou-o a prudencia". Estava assim proclamado o ideal que o grande homem publico tinha fitado para orientar todas as acções da sua vida e prestar seus relevantes serviços ao governo do seu patria, conquistando no tempo da sua carreira as homenagens de respeito e de consagração, em que se envolvia, para poder entrar nos fastos da historia perpetuando seu nome, e revivendo sua memoria através do reconhecimento e da gratidão, que agora estremeciam junto dos seus despojos. A' beira do esquife, em que repousa, tranquillo e sereno, o illustre monge, que foi d. Miguel Kruse, posso eu tambem exclamar: Desde os primeiros matizes da alvorada de sua vida, alentou-o a Fé, conduzindo-lhe todos os seus passos, e impulsionando-lhe todos os seus trabalhos para essa jornada, muito longa e accidentada, em que se corou dos merecimentos, das benemerencias, dos affectos, dos carinhos a lhe avultarem agora o seu nome, a lhe assignalarem a sua passagem pela terra, e a lhe engrandecerem em applausos e testemunhos publicos a sua veneranda personalidade. Elle comprehendeu, effectivamente, que a vida, para ser grande e para ser verdadeira, para ter sentido e expressão, e desdobrar-se pelos annos em esforços proficuos e iniciativas uteis e proveitosas, não pôde prescindir das claridades e do calor, a promanarem da fé, a força das forças, o ideal dos ideaes, a directriz das directrizes. No seu prodigioso dynamismo nasceu as bellezas e brotam as energias que formam as almas intrepidas e educam as corações para as arremetidas, que é mister vencer e sobrepujar, dominar e subjugar, nesses impetos de coragem e tenacidade, nessas pejeas de pertinacia que trazem os triumphos e as victorias. Nas suas certezas e nas suas verdadeas abrem-se as fecundidades a cahirem por sobre os sulcos que as actividades humanas encontram para a larga sementeira do bem e do amor, da paz e da caridade, e que se traduzem na felicidade collectiva e particular. Nas suas consolações supremas descansam as esperanças, que não morrem, e jorram os sentimentos, que sobem a escala da perfeição, purificando-se a todas as horas até atingirem os apices dos heroismos. Elle comprehendeu bem cedo que as grandes vidas precisam amadurecer na dedicação, nos devotamentos, nos sacrificios e na continua vontade de se inclinarem ao proveito e á salvação do proximo. E, nesta persuasão, e neste descorrimo, quiz d. Miguel procurar seu lugar dentro das phalanges da mais completa e da mais perfeita das sociedades: a Igreja de Deus, que elle soube honrar pelas suas virtudes de sacerdote e de monge, que elle soube dignificar pelos seus assignalados serviços, e que elle amou, sobretudo, com extremos de filial ternura.

Nascido a 17 de Junho de 1864, na Westphalia, na Allemanha, no seio de uma familia eminentemente catholica, embolou-se-lhe o berço num ambiente agitado e convulso pelas mais arduas pejeas e pelos mais acendrados heroismos, que assignalam esse periodo na historia religiosa da Allemanha. A infancia e a adolescencia desportaram e medraram ao sopro de idéas e principios, que lhe deram á sua alma a envergadura dos fortes e a abnegação dos intemeratos. Bismarck, o chancelier de ferro, servido por uma força, que se apoiava em milhares de balonetas, e guiado pela grandeza dos seus calculos politicos, estava empenhado em coarctar a liberdade da Igreja Catholica, limitar a sua influencia e reduzir o episcopado e os fiéis a um rebanho de méros servidores do Estado, com sacrificio de suas crenças e repudio de sua dignidade.

A luta acendeu-se no Parlamento e na imprensa.

Perfiram-se os mais arrojjados combates entre a prepotencia do

chancellor e a serena convicção dos catholicos. Bispos exilados e presos, humilhados e perseguidos, sacerdotes encarcerados e fiéis acoçados pelas injustiças, formaram então uma legião sagrada para a defesa dos interesses de Christo e da sua Igreja. Paulo Melchers, arcebispo de Colonia; Guilherme Emmanuel Ketteler, bispo de Mogúncia; Conrado Martius, bispo de Paderborn; João Bernardo Brinkmann, bispo de Monasteria, organizaram as linhas da batalha, sustentando e amparando a liberdade e os direitos da Igreja, e conservando o brilho do seu ministerio divino.

No Parlamento appareceu, enfrentando a cohorte immensa dos adversarios, um homem terrivel, cuja palavra tinha accents de propheta e cuja voz tinha relampagos, que deslumbavam e exterminavam. Esse homem era o grande Windthorst. Sua fé catholica era uma espada flamejante. E o seu talento era um broquel invulnervel.

Bismarck tremeu em suas cores bravias e capitulou diante dessa resistencia. A Igreja venceu. E os catholicos allemães souberam entoar os canticos da victoria. Triumphou a causa da justiça. Esses exemplos de coragem exerceram uma larga influencia sobre a alma de Miguel Kruse, cuja vocação para o sacerdocio acabava de accentuar-se. Suas qualidades de combatente e de apostolo retemperaram-se nas lutas e nas refregas. E elle, cheio de zelo, viu surgir o ideal, que lhe empolgou a vida inteira. Emigrando para a America do Norte, cursou o Seminario da Abbadia de S. Vicente, na Pensylvania, entregando-se á sua formação intellectual e moral, com o fito de devotar-se ao serviço das almas, como sacerdote e missionario.

No ultimo anno de seu curso theologico, levado por sentimento generoso, acompanhou monsenhor Schumacher, bispo de Porto Viejo, na Republica do Equador. Em 1888, ordenado sacerdote, dirigiu com a maior solicitude e com os maiores sacrificios a vasta parochia de Jipijapa, enchendo-se de experiencia na orientação das consciencias e vencendo todos os obstaculos que se levantavam contra o fervor do seu zelo apostolico.

Foi rude a existencia de parochia, mas foram beneficos e maravilhosos os resultados das suas lutas e das suas peregrinações.

Enfermando, regressou á Europa para depois tornar á America do Norte, com o desejo de seguir a vida monastica.

Seus acurados estudos da historia e seus vastos conhecimentos da civilização e da influencia da igreja sobre a marcha das nações e dos povos, através das irradiações, que se despreendem dos cenobios, fascinaram a sua sympathia e atrahiram seu espirito para a Ordem Benedictina.

É impossivel desconhecer o grande papel que a illustre Ordem Benedictina representa no mundo, com o seu glorioso passado de quinze seculos, durante os quaes ella tem sabido avultar como um dos mais esforçados pioneiros da civilização e do progresso em todos os ramos da actividade. São Bento, o seu fundador, é um dos benemeritos do genero humano, e levanta-se como uma columna, que a incredulidade, o odio, a mentira, a negação e os preconceitos não podem deixar de lhe dar as mais vivas e as mais calorosas homenagens de amor e gratidão. Que era o Occidente, ha quinze seculos? Que era a Europa?

O Occidente era o cáhos, em que se baralhavam a desordem e a ignorancia, a corrupção e a degradação, as ambições e as trevas, formando o immenso estendal da barbárie. A Europa eram as cidades taladas pelas incursoes das lévas destruidoras, e sedentas como avalanches, e sedentas de saque, de ruinas, e de estragos. Eram os villarejos desertos, na desolação da tristeza e do abandono. Eram as populações errantes, terrorizadas, trazendo nas pupillas dilatadas as imagens sinistras dos incendios, da perseguição, da chacinca, da fome e da miseria. A selvageria estendia-se. A força dominava. A oppressão acabrunhava. Os flagellos de toda a especie ululavam dentro das casas esboreoadas e por sobre as charnecas, onde pousavam as aves agourelas, prununciando o extermínio e a morte. As sociedades, sem organização, dividiam-se entre a crueldade e o poderio despotico, entre a opulencia, farta de gosos, e a miseria, que gemia no soffrimento e nos andrajos.

As castas odiavam-se, não se respeitavam os direitos e não se salvando a dignidade humana. Das amelas dos castellos baixavam os gritos das sedições e das guerras para o proveito dos potentados e para o aniquilamento dos pobres e dos fracos. A vida era o martyrio. A paz era a turbulencia. Se não existia a Igreja, pregando as doutrinas do Divino Mestre, que destino aguardaria a humanidade e a historia? Mas, o Evangelho abria as suas luminosidades por sobre aquellas trevas, lavandolas e purificando-as. Mas, o Evangelho ahi vivia na sua pureza dentro desses mosteiros, vastas colmeias humanas, onde desapareciam as castas e confraternisavam os homens, o poderoso e o indigente, o senhor e o escravo, o plebeu e o miseravel. Os cenobios eram as cidades de refugio, onde a prece se levantava para o céu, e o trabalho cantava a sua belleza e a sua majestade. As sciencias, as artes, o patrimonio da cultura encontravam ahi o seu asylo e a sua morada. O Monte Ca-

sino branquejava no alto como um pharol salvador. Amontoavam-se ahi os velhos pergaminhos, sobre os quaes debruçavam as cogulas para arrebataram ao esquecimento as riquezas do espirito humano. As abbadias de Charaval e de Cluny eram thesouros, que guardavam as mais preciosas heranças, a serem distribuidas pelos povos, pelas nações, pelos seculos. A' sombra das cathedraes agitavam-se os mais bellos movimentos de solidariedade e da fraternidade. Pecundavam-se os campos, e as esterilidades morriam ao golpe dos instrumentos do trabalho, organizado e dirigido pelos monges. São Bento e São Bernardo mandavam que esses instrumentos fossem considerados coisas sagradas, e tivessem lugar de primazia dentro das abbadias. "Ora et Labora". A prece e o trabalho eram a divisa da Ordem Benedictina. E essa divisa criou, alimentou e salvou a civilização e a Europa, e amparou o mundo inteiro. Montalembert soube gravar em paginas immorredouras os beneficos e os serviços que essas ordens religiosas prestaram á humanidade, vingando-as dos motejos e das invectivas daquelles que deturpam a historia, levados tão somente pelo sectarismo ou pelas paixões inconfessaveis. E' facil hoje admirar a belleza da arvore balouçando-se galhardamente aos vendavaes, e ostentando as suas frondes e offerecendo os seus sazonados frutos. E' difficil, entretanto, medir a somma dos elementos reunidos para o desbravamento do solo, em que se esconde a selva criadora e fecundante, repleta de vida e coroadá de louçania. Em 1896, restaurava-se no Brasil a Ordem Benedictina, virtualmente extinta pelo regalismo do governo monarchico.

D. Domingos da Transfiguração Machado, abbade geral da Congregação Brasileira, sempre venerando em suas virtudes, chegara a uma idade avançada, e não dispunha de forças para essa renovação da vida religiosa nos diversos mosteiros, quasi fechados e desertos. D. Gerardo van Caloen foi incumbido dessa nobre missão. Em 1897, no mosteiro de Ollinda, em Pernambuco, emittia seus votos religiosos de benedictino d. Miguel Kruse.

Aos seus talentos desdobraram-se as perspectivas dos horizontes que a sua Ordem ia ter nesta vasta extensão das terras brasileiras.

A defesa da fé suscitou-lhe para logo a fundação do hebdomadario "O Estandarte Catholico", em cujas columnas doutrinaava com esclarecido zelo, esgrimindo a sua penna de apostolo e polemista. Foi sempre irreprehensivel em seus combates, mas foi sempre imparvido e desassombado. Amou os homens, mas combateu os erros e vingou os direitos da igreja.

De Ollinda transferiu-se para a Bahia, como Prior, seguindo a mesma directriz. Seu campo de acção, porém, era S. Paulo, o coração do Brasil. Em Julho de 1900, com a morte do abbade d. Pedro da Ascensão Moreira, foi nomeado prior do Mosteiro de S. Bento, em S. Paulo.

E aqui, num incessante trabalho soube elle realizar esses prodigios que honram a sua memoria e concorrem para enaltecer a gloria de S. Paulo. Em 1893 fundava o Gymnasio de S. Bento, incontestavelmente um dos mais bellos padões da educação e da instrução no nosso paiz. A' direcção da mocidade dedicou-se com os mais abnegados desvelos, não se descauidando da imprensa religiosa, todas as vezes que era preciso enfrentar adversarios e ferir os bons combates em prol de Christo e da sua igreja. O culto divino, em todo o seu esplendor e em toda a sua pompa liturgica, despertou-lhe o seu amor, e impelliu-o a edificar esta majestosa basilica, monumento augusto que zela as tradições da historia de S. Paulo, e perpetua os maravilhosos progressos da sua vida, contando ao Brasil as bençãos de Deus e as iniciativas inspiradas pela fé. Em 1907 foi elevado á dignidade de abbade, formosa recompensa ao seu zelo, á sua actividade, e mais ainda ás suas excelsas virtudes. Espirito culto, nutrido de conhecimentos solidos e seguros, servido por clarividencia admiravel, e dotado de iniciativas, o illustre abbade d. Miguel Kruse abrangia em luminosa synthese todos os problemas da vida de hoje.

A sociedade, com as suas immensas aspirações, mas tambem com as suas immensas necessidades, preoccupava o seu coração, cujo maior predicado era a magnanimidade, desatando-se em obras de caridade christan e em surtos de piedade para com as classes desvalidas.

Não desmentindo jamais as tradições de sua veneravel Ordem, a Abbadia de S. Paulo applica os seus haveres na sublimidade do culto divino, na diffusão do ensino, e no amparo e sustento da pobreza. Todos os dias, centenas de quaes vivem á margem da vida, encontram meios de subsistencia e agasalho amigo junto aos humbraes deagte mosteiro. E para esses humildes, o grande abbade, agora enregelado e frio neste feretro, tinha o melhor dos seus sorrisos e a mais doce palavra, ungião de consolação. A sua bondade fundou a escola "Eduardo Prado" destinada aos pequenos vendedores de jornaes. A essas pobres crianças que a necessidade arrojou á poeira das ruas, desta opulenta cidade era mister se abrisse um oásis, onde descansar e retemperar as forças, onde levantar e formar o espirito, onde consolar e refrigerar a alma em botão. A sua caridade criou uma escola nocturna, annexa á Abbadia, e que tem uma

DIRIJA-SE
Eclectica
 PARA
ANNUNCIOS

frequencia de mais de quatrocentos alumnos.

Ahi tendes, senhores, actos de benemerencia a commover o coração e attestar a realidade da grandeza moral do morto, cujas mãos S. Paulo agradeceu e reverente vem beijar, proclamando-o eleito de Deus e bemfeitor do proximo.

Tudo quanto empreendeu e realizou na sua existencia outro alvo não teve senão a felicidade das almas e o bem-estar da sociedade.

As pompas mundanas não o seduziram jamais. Se, apparentemente, nellas se envolvia por momentos era para mais facilmente cumprir a sua missão e completar o seu ideal. O sacerdote, o monge não tinha valde, nem ambicionava glorias da terra. Multiplos são os interesses das almas, e fartas vezes elles impõem condescendencias, que só aos retardatarios podem melindrar. Um grande monge tambem, restaurador da Ordem Domhicana, em França, Henrique Lacordaire, desejando a dilatação do reino de Deus, não hesitou aceitar sua eleição para occupar uma poltrona na Academia Franceza, recebendo applausos que redundaram em homenagens á Igreja e edificaram a todos, menos a ironia do irreverente Barbey d'Aureville.

O illustre abbade de S. Bento — D. Miguel Kruse — soube criar em torno de sua pessoa um ambiente de consideração e estima pelo seu criterio, pelo seu talento de organisador e administrador e pelo seu amor ás causas nobres e elevadas. A' frente de sua querida comunidade era o pastor, que se revestia de soliditudes paternaes, tornando-se modelo de observancia dos estatutos de sua ordem e dirigindo com largos descortinhos os religiosos da sua Abbadia.

Na sociedade, onde era acatado pelos primores do seu espirito e do seu coração, deixou indelévels sulcos de sua probidade, de seus altos predicados e de suas benemerencias.

Alma tranquilla, que soubera cumprir seus deveres e pautar suas acções pelas maximas do Evangelho, acolheu a hora da partida com a serenidade dos justos, na mais serena resignação christan, dictando apenas o epitaphio que vaé guardar a lousa fria do seu tumulo.

"Dilexit Ecclesiam". Sim. Venerando monge. Tu soubeste amar a igreja e por ella soubeste soffrer e combater. O teu repouso, agora, interrompido apenas pela saudade e pelos affectos dos teus irmãos, pelo susurro das preces dos teus amigos, pela gratidão dos que consolaste em vida, pelas bençãos dos pobres e dos pequenos, o teu repouso é justo e necessario.

Vae descansar á sombra do claustro da tua extremecida Abbadia, em meio ás psalmodias liturgicas, que ressam todas as tardes, e que se espalham por sobre a grande cidade de S. Paulo, levadas na voz argentina, solenne e poderosa dos sinos do teu querido mosteiro.

O SEPULTAMENTO NO CLAUSTRO

A seguir, formou-se o longo cortejo fúnebre que demandou o claustro do mosteiro, no qual, aos pés de uma estatua de São Bento, o patriarcha fundador da ordem, estava aberto o jazigo em que iam ser depositados os despojos mortuos do saudoso abbade benedictino.

Abria a procissão o subdiacono que servira no officio de "Requiem", levando a cruz alçada. Seguiam-no, os coronhas que serviram no altar, o mundo official, o sr. arcebispo metropolitano, os srs. bispos presentes ao "requiem", numerosos sacerdotes do clero regular e secular, os novicos benedictinos, os irmãos leigos da ordem, encerrando-o todos os monges benedictinos, de cabeça coberta, e rezando os psalmos do ritual e as orações da regra benedictina para aquella cerimonia fúnebre.

Com elles, e por elles carregado, ia a artistica urna de mogno que envolvia outra de chumbo, na qual estava encerrado o corpo do sr. illustre e inesquecivel abbade. Alumnos do Gymnasio de S. Bento faziam a guarda de honra e seguravam longas fitas negras atadas á urna funeraria.

Novamente, rezadas as orações do estilo e aspergido o feretro e o tumulo, consoante o ritual catholico, foi o ataúde descido ao seu jazigo perpetuo.

Em seguida, os presentes cumprimentaram o revdm. D. Domingos O. S. B., Prior da ordem, o qual, até que o capitulo regular eleja substituto definitivo, do sr. d. Miguel Kruse, dirigirá os destinos da abbadia benedictina de S. Paulo. Retirados os convidados que assistiram ao acto, os alumnos do Gymnasio occuparam os seus postos, montando guarda ao jazigo.

Foi então franqueada a entrada no claustro á grande massa popular que estacionava no templo e na praça fronteira, a aguardar o momento de, mais uma vez, contemplar o corpo do venerando morto, já agora descausando no chão frio do mosteiro que erguera com tão grandes labores.



Um aspecto do Claustro Benedictino, após a descida do corpo de D. Miguel ao seu jazigo perpetuo